

## ESTHER VAN GOBSECK: A VOZ DA CORTESÃ

Regina Cibelle de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo visa a apresentar um estudo sobre os discursos de Esther van Gobseck, personagem do romance *Esplendores e misérias das cortesãs*<sup>2</sup>, de Honoré de Balzac, referentes à sua profissão de cortesã. No romance, o narrador e as personagens comentam sobre a prostituição. Esther se reconhece como mercadoria e afirma sua posição em cartas e diálogos com outras personagens. Seus discursos apresentam uma convergência com alguns estudos sobre a prostituição no século XIX, como os de Alain Corbin, Carole Pateman e Alexandre Parent-Duchâtelet. Esses autores destacam a condição de pobreza das prostitutas de baixo nível, e a oscilação entre a opulência e a miséria das prostitutas de alto nível. Assim, levantaremos o que Esther fala ou escreve sobre sua profissão, observando a relação com outras obras da *Comédia humana*<sup>3</sup> e com o que os pesquisadores apontam em seus estudos.

**Palavras-chave:** *Comédia humana*, *Esplendores e misérias das cortesãs*, Esther van Gobseck, prostituição, discursos

### ABSTRACT

This paper presents studies on the discourses of Esther Van Gobseck, a character in the novel *The Splendours and Miseries of Courtesans*, by Honoré de Balzac, about her profession as a courtesan. In the novel, the narrator and the characters remark on prostitution. Esther recognises her status as a piece of goods and states her position in letters and dialogues with other characters. Her discourses present convergence with some studies on prostitution in the 19th century, such as Alain Corbin's, Carole Pateman's and Alexandre Parent-Duchâtelet's. These authors highlight the situation of poverty of low-level prostitutes, and the oscillation between opulence and privation of high-level prostitutes. Thus, we will survey what Esther says or writes about her job, observing the relation with other works of *The Human Comedy* and with what the researchers point out in their studies.

**Key words:** *The Human Comedy*, *The Splendours and Miseries of Courtesans*, Esther van Gobseck, prostitution, discourses

---

<sup>1</sup> Aluna de Mestrado na Universidade de São Paulo (USP), Departamento de Letras Modernas (DLM), Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, sob a orientação da Profa. Dra. Gloria Carneiro do Amaral.

<sup>2</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*.

<sup>3</sup> *Comédie humaine*.

## Introdução

A profissão de cortesã costuma ser objeto de interesse de escritores literários e de pesquisadores. Na França, durante o século XIX, temos a publicação de diversas obras falando sobre o assunto. No campo da ciência, o médico Alexandre Parent-Duchâtelet publica, em 1836, *De la prostitution dans la ville de Paris*<sup>4</sup>, estudo em que faz um levantamento da situação das prostitutas em Paris, da forma como viviam, da origem geográfica, dos motivos pelos quais elas entraram nessa vida entre outros aspectos. Na literatura, muitas prostitutas de diferentes níveis passam a ser personagens de romances e peças de teatro. Dentre elas, destacamos as cortesãs Marguerite Gautier, personagem do romance (1848) e da peça de teatro (1852) *A Cama das camélias*<sup>5</sup>, de Alexandre Dumas Filho, e Naná, personagem que dá nome ao romance *Nana* (1880), de Émile Zola.

Honoré de Balzac (1799-1850), escritor francês do século XIX, cujo objetivo era representar a sociedade francesa por meio da história dos costumes<sup>6</sup>, também colocou algumas cortesãs como personagens de seus romances, dentre as quais destacamos Esther van Gobseck, uma das protagonistas de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

Com o enfoque no universo da vida privada, área, segundo ele, deixada de lado pelos historiadores da época, Balzac imaginou um sistema no qual trataria de diferentes assuntos ligados à vida na França oitocentista. Nesse sistema, intitulado *Comédia humana*, cada romance representa uma parte da engrenagem dessa sociedade. Por esse motivo, as personagens voltam e as obras dialogam entre elas. Como ele se propôs a retratar a sociedade francesa como um todo, povoou sua obra com personagens virtuosos e viciosos, da cidade e do campo, e de diferentes classes sociais.

*Esplendores e misérias das cortesãs* pertence às “Cenas da vida parisiense”, uma das divisões da *Comédia humana*. O romance está organizado em quatro grandes partes: “Como amam as cortesãs”, “Por quanto o amor fica aos velhos”, “Aonde os maus caminhos vão dar” e “A última encarnação de Vautrin”, e cada uma dessas partes foi publicada separadamente, entre 1838 e 1847. Vale ressaltar que, de acordo com Adam (1958: II) Balzac encontrou certa resistência das editoras e dos jornais para publicar um

---

<sup>4</sup> Sobre a prostituição na cidade de Paris.

<sup>5</sup> *La Dame aux camélias*.

<sup>6</sup> Balzac escreve, em 1842, um prefácio para a sua obra, denominado *L'avant-propos de la Comédie Humaine*, no qual explica o seu projeto.

romance sobre os amores de uma cortesã. Entre o projeto do romance, cuja primeira menção é feita em um manuscrito de *O pai Goriot*<sup>7</sup>, em 23 de janeiro de 1835, e o término de sua publicação, passam-se quase treze anos.

De acordo com Barbéris (1973: 9-10), é um pouco difícil distinguir um assunto e uma personagem principal no romance, considerando que a reunião dessas quatro partes em uma obra fez com que diversos temas fossem tratados. O crítico distingue pelo menos quatro questões principais: o amor heroico de uma cortesã por um jovem poeta, o amor de um homem viril por esse mesmo poeta, o amor de um velho por uma bela cortesã e uma história policial e judiciária.

Nas duas primeiras partes, observamos o percurso de Esther desde o início de seu relacionamento amoroso com o poeta Lucien de Rubempré até o suicídio dos dois amantes, pela impossibilidade de ficarem juntos. Acompanhamos também a paixão do banqueiro Nucingen por Esther, o que o levou a instalar a jovem em um palacete e dar tudo o que ela desejava. Além disso, verificamos as articulações de Carlos Herrera, o ex-forçado Vautrin, disfarçado de abade, para que Esther consiga extrair o máximo de dinheiro possível do banqueiro, com o intuito de casar o poeta com a filha de uma duquesa. Já as duas últimas partes focam o processo judicial sobre a morte de Esther e de Lucien, no qual são mostradas as manobras feitas pela polícia para não prejudicar a imagem das famílias que mantinham relações com Lucien de Rubempré. O livro termina com a entrada do ex-forçado para a polícia.

Nesse artigo, trabalharemos com as duas primeiras partes do romance, nas quais podemos observar um perfil de cortesã. Apresentaremos, inicialmente, a posição do narrador e de algumas personagens no que concerne à prostituição, para, em seguida, nos focarmos nos discursos de Esther.

### **Pontos de vista sobre a prostituição**

No decorrer do romance, percebemos que ocorre uma problematização sobre a prostituição. Algumas personagens tentam mostrar, em diversas partes, como essa profissão sempre foi importante na história do mundo. Em uma conversa com amigos, o jornalista Blondet, personagem do romance, afirma que as cortesãs são rainhas e que, sem

---

<sup>7</sup> *Le père Goriot*.

elas, não existiriam grandes impérios. Para ele, elas enchem os séculos que viveram de poesia e beleza.

Diferentemente do que ocorre em alguns romances, como *A Dama das camélias*, o narrador de *Esplendores e misérias das cortesãs* não justifica, em nenhum momento, o fato de ter uma cortesã como uma das personagens principais do romance. Ele se preocupa mais em mostrar a divisão da prostituição em alta e baixa categorias e em apresentar como as cortesãs transitam entre os esplendores e misérias anunciados no título.

Uma constante no romance balzaquiano é o fato do narrador demonstrar que ser cortesã pode até ser um negócio vantajoso, que rende mais dinheiro do que muitos dos ofícios disponíveis para as mulheres, como a costura e o trabalho nas fábricas. A palavra “negócio” é importante, pois é ela que rege todo o universo da prostituição. Quando conseguem alguém que as mantém, como é o caso de Esther, as cortesãs podem ter uma vida de prazeres. Para isso, é necessário, muitas vezes, seguir os conselhos que Carlos Herrera dá a Esther, ou seja, tratar a prostituição como um negócio, não ter dó de extorquir todo o dinheiro do amante, ser esperta e gastadeira e, sobretudo, não se apaixonar.

Por outro lado, destaca-se no romance a situação de miséria em que acabam muitas cortesãs. Primeiro porque, para manter as aparências, elas costumam gastar mais do que ganham e desperdiçam dinheiro com coisas fúteis. Com isso, contraem muitas dívidas e ficam sem ter como saudá-las. Em segundo lugar, quando são abandonadas pelos amantes, não têm nenhum dinheiro guardado e ficam sem ter como se manter. Além disso, no caso de falência dos amantes, elas também ficam falidas.

Se observarmos as pesquisas publicadas sobre a prostituição, percebemos que vários autores tocam nesse ponto. No célebre estudo de Alexandre Parent-Duchâtelet, citado anteriormente, já existe uma abordagem sobre o fato das prostitutas gastarem muito. Para ele, a primeira causa da prostituição é uma vida desregrada e uma propensão ao vício. Como causas secundárias, ele destaca a preguiça, o desejo de ganhar dinheiro fácil, a miséria, o abandono, a vaidade e o desejo de brilhar.

Corbin (2010), além de apresentar algumas causas para a prostituição, aponta uma oposição entre esplendores e misérias. Após traçar a distinção entre a prostituição de baixo e de alto níveis, ele destaca que as cortesãs, maiores representantes da prostituição de alta categoria, têm até alguns privilégios. Costumam viver cobertas de luxo e algumas podem ser sustentadas por um único parceiro, normalmente um grande homem de negócios, como

acontece com Esther. Porém, todo esse conforto pode acabar se elas são abandonadas ou se o amante entra em falência.

No caso de Esther, ela não volta para o estado de miséria. O problema maior é que ela está apaixonada por Lucien de Rubempré e não consegue manter um relacionamento de fachada. Quando vai viver com o barão de Nucingen, tenta se manter fiel ao poeta. No início, consegue fazer o barão aceitar que eles vivam uma relação de pai e filha, mas, depois de algum tempo, sente-se obrigada a se entregar para ele. Depois de se entregar, Esther se mata. Segundo Barbéris (1973: 20), a jovem se suicida por sentir que não tem mais lugar no mundo. Como não poderia continuar com o poeta, não fazia mais sentido permanecer viva e continuar a ser tratada como escrava sexual.

### **Os discursos de Esther**

No começo do romance, antes de se tornar uma cortesã e ser mantida pelo barão de Nucingen, Esther é reconhecida em um baile de máscaras por um grupo de jornalistas. A jovem, que estava acompanhando o poeta Lucien de Rubempré, corre para casa e tenta suicídio pela primeira vez. Salva por Carlos Herrera, ela lhe conta que, quando conheceu o poeta, era prostituta em uma “*Maison de tolérance*”, local destinado para a prostituição regulamentada, conforme definição de Corbin (2010: 87). Ela não contou para o poeta o seu passado, foi morar em uma casa simples com algumas moças direitas e começou a trabalhar com costura. Seu maior medo era que Lucien descobrisse sua vida anterior e se afastasse dela, visto que ele a considerava a mais virtuosa das mulheres. Por isso, tenta suicídio pela primeira vez.

Nessa conversa com Carlos Herrera, Esther demonstra uma preocupação em se tornar uma mulher honesta, como podemos observar no trecho a seguir: “Bem. Desde esse dia tenho trabalhado neste quarto, como uma negra, fazendo camisas a vinte e oito *sous* para viver honestamente.”<sup>8</sup> (BALZAC, 1990: 48)

A casa que ela foi morar depois de conhecer o poeta, na Rua de Langlade, ficava em um local escuro e lamacento, com um aspecto sombrio e sinistro. Era uma casa simples, mal acabada e tinha uma aparência suja e feia. O proprietário morava no primeiro andar e

---

<sup>8</sup> “Eh! Bien, depuis ce jour j’ai travaillé dans cette chambre, comme une perdue, à faire des chemises à vingt-huit sous de façon, afin de vivre d’un travail honnête.” (BALZAC, 1973: 64).

os quatro outros eram ocupados por moças direitas. Nesse local, Esther se abrigou para trabalhar com costura e fugir do vício.

Para se desvincular ainda mais do mundo do vício, a moça afirma que quer tirar seu nome do registro que fez na polícia como prostituta, mas que esse processo é um pouco complicado. De acordo com Corbin (2010: 55), com o projeto de regulamentação da profissão, esse registro era feito para que a mulher não fosse considerada uma prostituta clandestina. O autor destaca que o registro era um procedimento simples e consistia, geralmente, em entrevistas e exames médicos.

Além de ter o registro oficial, que a ligava ao universo da prostituição até que ela conseguisse cancelá-lo, outro problema é que Esther é filha de uma cortesã. Sua mãe, Sarah van Gobseck, conhecida como “A Bela Holandesa”, depois de falir seu amante, o notário de Cesar Birotteau, morre assassinada por um capitão.

Em Balzac, parece-nos que a questão biológica interfere no destino da jovem. O fato de ser filha de uma cortesã pode fazer com que a pessoa tenha um sangue destinado ao vício. Em outra história sobre cortesã, *As Maranas*<sup>9</sup>, esse traço parece mais evidente. Nessa novela, o narrador afirma que, mesmo sendo criada por um casal virtuoso, a jovem Juana-Pepita-Maria de Mancini, filha da cortesã Marana, não conseguiu controlar os impulsos sexuais, por influência do sangue da mãe. Por esse motivo, Esther manifesta o desejo de trocar de sangue, como verificamos na fala proferida por ela “Ah! Se me fosse possível derramar aqui todo o meu sangue e adquirir outro...”<sup>10</sup> (BALZAC, 1990: 55).

Esther acreditava que poderia apagar as marcas que a ligavam à prostituição se conseguisse trocar de sangue (caso isso fosse possível) e tirar seu nome do registro policial. No entanto, ela não esperava ser reconhecida por seus antigos clientes e colegas de Lucien. Do reconhecimento ela não conseguiria se livrar. Em algum momento seu passado viria à tona. Antes que seu passado aparecesse, talvez para não ser considerada prostituta por aquele que ela mais amava, era mais fácil acabar com a sua vida.

Segundo Adam (1958: XIX), Balzac teve acesso ao texto de Parent-Duchâtelet e focou as partes que tratam das formalidades da inscrição, do uso de apelidos e das formas pelas quais essas mulheres são capazes de tirar dinheiro dos homens. Como, nesse estudo, o médico fala sobre uma propensão ao vício, isso pode explicar essa questão de que a filha

---

<sup>9</sup> *Les Marana*.

<sup>10</sup> “ah! S’il était possible de verser ici tout mon sang et d’en prendre un nouveau!...” (BALZAC, 1973: 73).

de uma cortesã estaria destinada a seguir os traços da mãe, visto que isso já estava no sangue da jovem.

Voltando para o romance, ainda nessa conversa com o falso abade, Esther se compara a Maria Madalena, a prostituta bíblica que lavou os pés de Jesus e teve suas faltas perdoadas: “Ouvi falar de uma mulher como eu que lavou com perfumes os pés de Cristo.”<sup>11</sup> (BALZAC, 1990: 56) Esse ponto reforça a ideia de sua preocupação em se tornar uma mulher virtuosa.

Depois da conversa, o abade decidiu encaminhar Esther para receber educação e religião. Com isso, ele também a manteria longe de Lucien. O desejo de ser virtuosa faz com que ela aceite tudo o que o falso abade propõe, inclusive, ficar longe do poeta por um longo período. Ressalta-se aqui que Esther não sabe que Herrera não é padre. Ela acredita que ele está lá para ajudá-la a se desvencilhar dos seus pecados e para consolá-la. Ela se assusta por ver que ele, ao invés de tornar sua vida mais tranquila, a empurra cada vez mais para o abismo, mas, mesmo assim, faz tudo o que ele ordena.

Após ser educada e batizada na igreja católica, Esther retoma a comparação com Maria Madalena, na primeira carta que escreveu na sua vida, pois antes era analfabeta: “Ainda que eu tenha que morrer longe de meu bem amado, morrerei purificada como a Madalena e a minha alma será para ele a rival do seu anjo da guarda.”<sup>12</sup> (*op.cit.:* 73)

A carta termina com o desejo de manter a pureza que ela adquirira com o batismo, conforme trecho a seguir: “Se o meu corpo for mais fraco que a minha alma, que morra. Seja o senhor o árbitro do meu destino; e, se eu morrer, diga a Luciano que morri para ele ao nascer para Deus.”<sup>13</sup> (*op. cit.:* 73)

Nesses dois trechos é possível perceber que a cortesã se mostra capaz de renunciar a tudo, inclusive ao seu amor, para não voltar para o universo do vício. Ela está disposta a ficar longe do poeta para continuar pura. A jovem também prefere morrer a voltar para a prostituição. Entretanto, quando reencontra Lucien, ela afirma que ele faz nela o efeito do demônio e que está disposta a tudo para ficar com ele. E é o desejo de ajudar o poeta que faz com que ela aceite, posteriormente, se tornar uma cortesã.

---

<sup>11</sup> “J’ai entendu parler d’une femme comme moi qui avait lavé de parfums les pieds de Jésus-Christ.” (Balzac, 1973: 74).

<sup>12</sup> “Dussé-je mourir en restant loin de mon bien-aimé, je mourrai purifiée comme la Madeleine, et mon âme deviendra pour lui la rivale de son ange gardien.” (*op. cit.:* 95)

<sup>13</sup> “Si mon corps est plus faible que mon âme, qu’il périsse. Soyez l’arbitre de ma destinée, et, si je meurs, dites à Lucien que je suis morte pour lui en naissant à Dieu.” (*op. cit.:* 96)

Antes de saber que terá de ser a amante do banqueiro Nucingen, Esther fica sabendo que o poeta deveria se casar com a filha de uma duquesa. Ao receber a notícia do casamento de Lucien, Esther fica triste, mas diz que não vai se comportar como uma *grisette*: “Este casamento é a minha morte. Mas não te enfasiarei; não vou fazer como as grisetes que se matam servindo-se de um fogareiro.”<sup>14</sup> (*op. cit.*: 108)

Com essa fala, percebemos que Esther é bem consciente de sua posição e conhece os diferentes níveis de prostituição. De acordo com Caron (1991: 203), as “*grisettes*” são moças que habitam o Quartier Latin e que costumam servir de companhia para os estudantes. Geralmente são muito jovens, pobres e ingênuas, e dependem financeiramente do seu companheiro. Esther não está nesse patamar e não quer agir ingenuamente como uma *grisette*.

A jovem passa um tempo feliz na companhia do poeta. Entretanto, por conta da difícil situação financeira de Lucien, o abade a convence a voltar para a prostituição para que o jovem tenha um futuro magnífico. Para isso, ela precisa se tornar a amante de um homem rico, o barão de Nucingen, e precisa conseguir tirar muito dinheiro dele.

O falso abade sugere que ela volte a ser a “Torpedo” (em francês, *La Torpille*). Esse era o apelido que Esther tinha no mundo da prostituição. De acordo com o dicionário *Petit Robert I* (1977: 1980), o substantivo “*torpille*”<sup>15</sup> vem do latim “torpedo” e tem dois significados distintos. O primeiro é “raia-elétrica”, peixe que tem um órgão que lhe permite soltar uma descarga elétrica que paralisa a sua vítima. O segundo sentido atribuído a “*torpille*” é o de uma máquina de guerra, cheia de explosivos, utilizada na água. Além disso, existe o verbo “*torpiller*”, traduzido em português como “torpedear”, que significa atacar, seja com um torpedo, seja com manobras ocultas.

Os dois sentidos do substantivo podem ser aplicados ao caso de Esther. Para a moça, voltar a ser a “Torpedo” significava ser capaz de paralisar a sua vítima, para que ela fique imobilizada e faça tudo o que ela pedir. Significa também usar todas as armas que estiverem ao seu alcance para torpedear o barão e extorquir o todo o dinheiro dele.

Se Esther conseguisse voltar a ser o que ela era antes de conhecer o poeta, poderia ter seu futuro de esplendores garantido. O barão, que fora torpedeado pela sua beleza depois

---

<sup>14</sup> “Ce mariage est ma mort. Mais je ne t’ennuierai point; je ne ferai pas comme les grisettes qui se tuent à l’aide d’un réchaud de charbon.” (*op. cit.*: 139).

<sup>15</sup> Em português podemos traduzir como “torpedo”.



que a viu pela primeira vez em um passeio noturno, fez tudo o que podia para descobrir quem era ela e estava disposto a tudo para ter o seu amor.

Esther hesita, mas o falso abade traça um perfil negativo do barão, afirmando que ele está acostumado a roubar dinheiro na Bolsa e que enriqueceu extorquindo os órfãos e as viúvas. Herrera conclui afirmando que, se ela ficar com esse velho rico e não tiver dó o torpedear, será uma forma de vingar todos os que foram prejudicados por ele.

Após ser praticamente obrigada a aceitar a viver com o barão de Nucingen em troca de dinheiro, parece-nos que o discurso de Esther sobre a profissão de cortesã deixa um pouco de lado a oposição vício/virtude e passa a focar a sua situação de mercadoria. Embora a “Torpedo” devesse paralisar sua vítima e comandá-la, Esther não conseguia voltar a ser quem era antes, e não assumia a posição de comando. Ela sabia que a sua ida para a companhia do barão tinha sido fruto de uma negociação, na qual ela fora o produto (ou serviço) negociado.

Às vésperas de ser instalada no palacete da rua Saint-Georges, preparado exclusivamente para recebê-la, Esther não conseguia disfarçar sua infelicidade, principalmente pelo fato de que o barão de Nucingen não estava mais querendo continuar a relação de pai e filha. A jovem recebe uma carta do barão, na qual ele afirma que não aguenta mais ser pai, nem que isso lhe custe toda a sua fortuna. Ele também diz que sempre a viu como um anjo e que nunca se importou com o passado dela. Esther fica exaltada, pois ela não gostava dele e não queria se entregar. Envia como resposta um bilhete um pouco mal educado, mas, aproximadamente quinze minutos depois, é tomada por um remorso e envia uma carta, se desculpando pela sua indelicadeza. Nessa carta, Esther ressalta sua posição na sociedade e afirma que não tem o direito de tratar mal quem a sustenta, conforme podemos observar em um trecho transcrito a seguir:

Não faça caso da carta que acabo de lhe mandar; eu estava como nos tempos doidos da minha juventude. Perdoe essa carta, senhor, a uma pobre rapariga que deve ser uma escrava. Nunca senti tanto a vileza da minha condição como no dia em que lhe fui entregue. O senhor pagou, eu pertenco-lhe. Não há nada tão sagrado como as dívidas de desonra. Não tenho o direito de *liquidar* atirando-me ao Sena. (...) Uma mulher honesta tem probabilidades de se levantar de uma queda; mas, quanto a nós, a nossa queda é desastrosa demais. (...) Sua serva, Esther.”<sup>16</sup> (BALZAC, 1990: 187).

---

<sup>16</sup> Ne faites pas la moindre attention à la lettre que vous avez reçue de moi, j'étais revenue à la folle nature de ma jeunesse; pardonnez-la donc, monsieur, à une pauvre fille qui doit être une esclave. Je n'ai jamais mieux senti la bassesse de ma condition que depuis le jour où je vous fus livrée. Vous avez payé, je me dois. Il n'y a

Nota-se no trecho citado que Esther se humilha e se sente humilhada em diversos aspectos. Duas palavras nos chamam a atenção de início. A primeira é “escrava” e a segunda “vileza”, ou seja, baixeza. Essa moça que deve ser uma escrava não tem direito a manifestar sua opinião e exprimir seus desejos. À escrava cabe somente obedecer e se submeter às decisões de seu senhor. Sua condição de baixeza se acentuou a partir do momento em que ela foi entregue aos cuidados do barão. Considerando que, no sistema escravista, o senhor comprava uma mercadoria humana disponível no mercado e essa mercadoria deveria fazer tudo o que ele quisesse, o paralelo feito por Esther faz bastante sentido. A moça assina a carta como “sua serva”, reforçando ainda mais a posição de escrava de seu senhor.

De acordo com Pateman, “o contrato entre cliente e prostituta é visto como um acordo particular entre comprador e vendedor” (PATEMAN, 1993: 279-280). A partir do momento em que adquiriu um produto e/ou serviço, o cliente decide como utilizá-lo e pode usufruir dele como quiser. Esther não se considerava nem na posição de vendedora, pois quem fez todo o trâmite comercial foi o falso abade Carlos Herrera.

Outro ponto interessante é que a jovem afirma que, nessa condição de mulher comprada, ela não tem nem o direito de se matar, para não quebrar o contrato. Se ela se mata, fica devedora, e isso é uma desonra. Primeiro ela precisa pagar a dívida, porque, só assim, conseguirá sair “da” (em francês “*de la*”) vida. Nesse trecho, observamos que Esther não coloca sair “dessa” vida, ou seja, da vida viciosa que mantém, da vida na prostituição, mas sair “da” vida. No final, a jovem pede para o barão guardar a carta para que, caso necessário, ela sirva como documento do motivo de sua morte, o que reforça o que ela disse anteriormente, sair “da” vida como indicação de que pretende se matar.

Esse ponto será esclarecido em outra carta, enviada pouco tempo depois. Nessa carta, Esther mostra que, mesmo sendo mercadoria e não podendo reclamar, ela quer que o barão reflita sobre a sua posição. Ela afirma que, se ele quiser continuar com ela numa relação de pai e filha, terá um prazer fraco, porém durável. Mas se ele escolher o prazer sexual, esse dia será “(...) o derradeiro dia da minha vida.”<sup>17</sup> (BALZAC, 1990: 187). E é isso o que acontece. No dia em o barão de Nucingen escolhe o prazer sexual, depois de reconhecer

---

rien de plus sacré que les dettes de déshonneur. Je n’ai pas le droit de *liquider* en me jetant dans la Seine. (...) Une honnête femme a des chances de se relever d’une chute; mais, nous autres, nous tombons trop bas. (...) Votre servante, Esther.” (BALZAC, 1973: 242).

<sup>17</sup> “(...) sans lendemain pour moi” (BALZAC, 1973: 243).

que é impossível comprar o amor, Esther se mata. E ela só se mata depois de se entregar ao barão, liquidando assim a sua dívida.

Em outra carta, num tom menos pesado e melancólico que as três enviadas anteriormente, Esther escreve: “(...) apesar dos seus bonitos juramentos, eu pensei que o senhor me tomasse por uma mulher comprada.”<sup>18</sup> (*op. cit.*: 198) Essa carta é escrita em outro contexto. Esther continua vivendo com o barão como se fosse sua filha, ele se mostra convencido de que ela é uma mulher virtuosa, não a trata como uma mulher da vida, mas ela sabe que foi comprada e que está ali como mercadoria.

Essa posição se torna ainda pior porque Esther sabe que precisa continuar vivendo com o barão em troca de dinheiro, nem que seja somente para garantir o futuro de Lucien. O narrador ainda destaca que, sempre que o barão ameaçava abandoná-la, ela o conquistava com uma cena de ternura, de forma a conduzir essa relação comercial até o ponto em que é obrigada a se entregar.

Antes de se suicidar, Esther tem um encontro com Lucien no qual reafirma seu desejo de morrer. O poeta percebe que ela quer se matar, e ela fala: “Não, meu amigo; mas é que hoje morre a mulher pura, casta e amante que tiveste. E receio que o desgosto me mate.”<sup>19</sup> (*op. cit.*: 266) Nesse momento, ela já tinha se entregado ao barão e estava transtornada. O desgosto por não conseguir conduzir a relação de pai e filha por mais tempo e o desgosto por não suportar continuar nessa relação comercial, o que poderia prejudicar o futuro do poeta, não permitiam que ela continuasse vivendo. E, depois de tanto sofrimento que tinha passado, só via a morte como solução. Não era a morte da cortesã, mas a morte de uma mulher que muito sofreu por amor.

Quando Esther morre, Carlos Herrera faz um testamento falso. Nesse testamento, o abade escreve, seguindo o “estilo” da jovem, que ela decidiu se matar com medo de “tornar a cair no vício e na vida infame donde a sua caridade me tirou.”<sup>20</sup> (*op. cit.*:270). Mesmo não sendo escrito por ela, o testamento parece retomar os discursos iniciais de Esther, cuja preocupação, já ressaltada, é a oposição entre vício e virtude.

---

<sup>18</sup> “(...) malgré vos belles protestations, je croyais que vous me preniez pour une femme achetée.” (*op. cit.*: 255)

<sup>19</sup> “Non, mon ami, mais aujourd’hui, vois-tu, c’est la mort de la femme pure, chaste, aimante que tu as eue... Et j’ai bien peur que le chagrin ne me tue.” (*op. cit.*: 343)

<sup>20</sup> “retomber dans le vice et dans la vie infâme d’où sa charité m’a tirée.” (*op. cit.*: 347-348)

## Considerações Finais

Nesses excertos, pudemos verificar como essa cortesã literária percebe a sua profissão na sociedade. Ela se sente uma mercadoria, pertence a um negócio e deve agir como tal. A palavra “negócio” indica que, nessa relação entre cliente e prostituta, seja ela de qual nível for, não há espaço para o amor. Tudo é uma questão comercial, conduzida pelo dinheiro. O amor ou qualquer sentimento de ternura pode, inclusive, atrapalhar a relação comercial.

No romance *Esplendores e misérias das cortesãs* e em outras obras da *Comédia humana*, essa posição comercial é reforçada. Florine, Coralie, a Senhora do Val Noble, entre outras são *demi-mondaines* que passam por situações parecidas com a de Esther, pois vendem seus corpos em troca de dinheiro. Elas vivem na dependência de seus amantes. A Senhora do Val Noble é um exemplo de uma cortesã que voltou para a miséria. Seu amante, Jacques Falleix, entrou em falência e ela estava numa situação um pouco complicada.

Essas mulheres, apesar de importantes para a sociedade, vivem em um universo paradoxal: oscilam, o tempo todo, entre a pobreza e a riqueza, e são constantemente vistas como viciosas, em oposição às mulheres virtuosas, impuras, em relação ao amor casto e puro das jovens.

Tratar desse tema, na literatura, poderia também ser um problema. No romance *A Dama das Camélias*, o narrador passa um bom tempo justificando o fato de ter uma cortesã como protagonista. Ele aponta que, ao ler a história de Marguerite Gautier, as jovens castas e puras terão a oportunidade de conhecer os riscos de entrar nesse mundo vicioso. O narrador balzaquiano não emite esse tipo de juízo de valor, mas nas falas das personagens, sobretudo nas de Esther, essa oposição está bem evidente, como observamos anteriormente.

Todos esses pontos estão presentes nos discursos de Esther. Se, por um lado, suas falas são marcadas por uma percepção bem objetiva e direta da posição da cortesã na sociedade, por outro, elas também são melancólicas e tocam a sensibilidade do leitor para os problemas que essas mulheres enfrentam para tentar se desvincular do universo do vício, o que é, muitas vezes, impossível. Esther van Gobseck, assim como outras grandes cortesãs, como Manon Lescaut (século XVIII), Marguerite Gautier e Nana

(contemporâneas de Esther), e, na literatura brasileira, Lucíola, tiveram a morte como fim de seu percurso na prostituição. Mesmo que algumas delas tenham sido praticamente “regeneradas” e tiveram suas “faltas” perdoadas, elas não foram completamente desligadas do passado a que pertenceram.

### Referências Bibliográficas

ADAM, Antoine. Introduction. In: *Splendeurs et misères des courtisanes*. Paris: Éditions Garnier Frères, 1958.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BALZAC, H. *Splendeurs et misères de courtisanes*. Préface et notes de Pierre Barbéris. Paris : Gallimard, 1973.

\_\_\_\_\_. Esplendores e misérias das cortesãs. In. *A Comédia humana IX*. Tradução de Casimiro Fernandes. São Paulo : Editora Globo, 1990.

\_\_\_\_\_. *Les Marana*. Paris : Garnier, 2008.

\_\_\_\_\_. *L'avant-propos de la Comédie Humaine*. Disponível em : <[http://beq.ebooksgratuits.com/balzac/Balzac\\_00\\_Lavant\\_propos\\_de\\_la\\_Comedie\\_humaine.pdf](http://beq.ebooksgratuits.com/balzac/Balzac_00_Lavant_propos_de_la_Comedie_humaine.pdf)> Acesso em: 03 jul. 2014.

CARON, Jean-Claude. *Généralisations Romantiques: Les étudiants de Paris & le Quartier Latin (1814-1851)*. Paris: Armand Colin, 1991, p. 197-222.

CERFBERR, A.; CHRISTOPHE, J. *La Comédie Humaine: Dictionnaire des personnages*. Paris : Garnier, 2008.

CORBIN, A. *Les filles de noce: misère sexuelle et prostitution au XIXe siècle*. Paris: Flammarion, 2010.

DUMAS FILS, A. *La Dame aux Camélias*. Paris: Pocket, 1998.

Le Petit Robert 1: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1985.

PARENT-DUCHÂTELET, Alexandre. *La prostitution à Paris au XIXe siècle*. Texte présenté et annoté par Alain Corbin. Paris : Éditions du Seuil, 2008.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução: Marta Avancini. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1993, p. 279-321.

PRÉVOST, Abbé. *Manon Lescaut*. Paris : Gallimard et Librairie Générale Française, 1959.

ZOLA, Émile. *Nana*. Paris: Pocket, 1991.